

## A coletânea de textos clandestinos: constituição de um objeto de pesquisa

**Leandro de Araújo Sardeiro**

Doutorando em Formas e História dos saberes filosóficos na Europa moderna

Università del Salento / Université Paris-Sorbonne.

Professor assistente da Universidade Estadual do Piauí.

E-mail: leosardeiro@yahoo.com.br

Recebido em: 06/06/2015.

Aprovado em: 16/02/2016.

**Resumo:** Toda a discussão sobre a assim chamada “Literatura clandestina” está fundada sobre a descoberta feita em 1912 nas bibliotecas parisienses por Gustave Lanson de um *corpus* de manuscritos que circulavam na Europa muito antes da época das Luzes e que já continham todas as discussões dos seus textos mais importantes. O presente trabalho pretende apresentar uma discussão sobre as “coletâneas” como parte privilegiada de tal *corpus*, de modo a colocar em evidência as suas especificidades e papel na difusão das ideias filosóficas do Setecentos.

**Palavras-chave:** Manuscritos filosóficos clandestinos. Século XVIII. Gustave Lanson.

### The collection of clandestine texts: constitution of a research object

**Abstract:** The whole discussion about the so-called “clandestine literature” is founded on the discovery made in 1912 in the Parisian libraries by Gustave Lanson of a corpus of manuscripts that circulated in Europe long before the time of the Enlightenment and which already contained all discussions its most important texts. This work intends to present a discussion of the “collections” as a privileged part of such a corpus, in order to put in evidence their specificities and role in the dissemination of philosophical ideas of the eighteenth century.

**Keywords:** Clandestine philosophical manuscripts. XVIII century. Gustave Lanson.

Falar de “Filosofia clandestina” em relação ao século XVIII é falar de uma parte específica da Literatura desse momento histórico e, sobretudo, é falar necessariamente de manuscritos. Desde que Gustave Lanson publicou o seu artigo magistral sobre as “*Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750*” em 1912<sup>1</sup>, os manuscritos estão na ordem do dia para os estudiosos desse período. Com efeito, Lanson traz à luz a existência de uma enorme quantidade de manuscritos que circulavam na França e que defendiam muitos dos temas caros às Luzes posteriores. O primeiro estudo a aprofundar sistematicamente as “questões” de Lanson e a assumi-las de fato como tais é aquele de Ira Owen Wade, em 1938, intitulado “*The Clandestine Organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*”<sup>2</sup>. Foram precisos vinte e seis anos a partir da descoberta de Lanson, mas daquele momento em diante, os manuscritos assumiram uma denominação utilizada até hoje, e que será responsável por muitas discussões, qual seja, a denominação de “manuscritos clandestinos”. A reação foi imediata. Já em 1939, Norman Torrey<sup>3</sup> lançava a dúvida sobre a exatidão dos elementos gerais da discussão que se abria. Aqueles que eram os pontos de chegada seguros seja para Lanson seja para Wade – a saber, a anterioridade do manuscrito e a sua prevalência em relação aos textos impressos na primeira metade do Setecentos – acabaram por se mostrarem frágeis e inexatos. A discussão assim se alarga e nos faz compreender a complexidade do trabalho de constituição do *corpus* dos textos “clandestinos” dos tempos Modernos.

Do que se disse até agora, podemos compreender que o método de trabalho sobre a assim chamada “Filosofia clandestina” se inicia, para os estudiosos do Setecentos, partindo do nível mais básico possível: a constituição do seu *corpus* de textos e definição do seu campo de pesquisa. Considerar todas as coleções manuscritas da Europa, sobretudo as do século XVIII, resultaria em uma massa muito heterogênea de escritos. Sendo assim, se não se encontrassem critérios precisos de definição para estabelecer quais dentre estes são os “*manuscritos filosóficos clandestinos*” (que é precisamente a denominação que lhes é dada atualmente), correr-se-ia o risco de trabalhar sobre um objeto amorfo, sobre um *corpus* inexistente. Um dos critérios sobre os quais os estudiosos estão de acordo para assumir um manuscrito qualquer no *corpus* proposto seria a confirmação da sua circulação e difusão nos círculos letrados da época. O número de cópias distribuídas nas bibliotecas e arquivos nos faria a prova necessária.

E se a escolha do conjunto de manuscritos nos cria alguns problemas, a definição de *filosófico* não seria, porém, menos problemática. Partindo da linguagem utilizada nos meios livrescos da época, “*filosóficos*” eram sobretudo os livros pornográficos e de venda proibida. Além disso, uma rápida leitura de alguns títulos escolhidos ao acaso entre tais manuscritos é suficiente para que se perceba a impossibilidade de determinar uma filosofia comum a todos. Encontramos então textos materialistas, metafísicos, deístas, ateus, textos de erudição: enfim, não é possível determinar *a priori* qual seria o senso deste “*filosófico*” atribuído ao nosso *corpus* de manuscritos. Para finalizar, a *clandestinidade* não é menos difícil de definir. Um texto manuscrito e não publicado é antes de tudo *inédito*, muito mais do que *clandestino*. Partindo dos textos impressos, uma discussão sobre a *clandestinidade* seria mais evidente, mas não foi esse o percurso assumido por Lanson e por Wade<sup>4</sup>.

Não obstante se possa responder a essas questões, é preciso lembrar sempre que o pressuposto mais incisivo do artigo de Lanson, sobre a insistência a respeito da anterioridade do manuscrito em relação ao impresso na aurora do Iluminismo do Setecentos, cria alguns problemas de anacronismo. Depois de estudar em profundidade o “*Espace du clandestin dans l’univers du livre*”, François Moureau afirma nunca ter encontrado junto aos arquivos da polícia do livro e da *Librairie*, com os quais trabalhou por muito tempo, a mínima referência à ideia de um *manuscrito filosófico clandestino* tal qual descrita atualmente<sup>5</sup>. O manuscrito, então, não dispunha absolutamente de um status privilegiado no interior das atividades do *Comércio livreiro* monitoradas pelo Estado. É por isso também que Alain Mothu escreve um artigo provocador intitulado “*Le manuscrit philosophique clandestin existe-t-il?*”<sup>6</sup>, no qual sustenta que a atividade clandestina da *Librairie* implicava em certa medida uma significação ideológica. Segundo ele, “cada impressão proibida circulando no reino colocava em evidência, de maneira inaceitável, a fraqueza do regime” (p. 71), o que seria o verdadeiro problema da *clandestinidade* dos textos ora apresentados.

E, no entanto, tais textos circulavam. Qualquer que fosse a denominação que tivessem recebido nos seus momentos históricos, ou as suas particularidades frente aos textos impressos, aqueles textos constituíam redes complexas de discussões de ideias e de críticas: políticas, religiosas, morais, etc. Com o desenvolvimento

das pesquisas a respeito deles, tantos outros estudos importantes foram publicados. Sobretudo, as primeiras edições críticas de alguns textos importantes – como foram por exemplo as edições de *“L’âme matérielle”*, devida a Alain Niderst em 1969, e das *“Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche”*, devida a Roland Mortier em 1970 – possibilitaram um conhecimento muito mais acurado de tudo aquilo que fora sinalizado por Lanson. Era preciso esperar o trabalho incansável de Miguel Benítez, com as suas listas de localização dos manuscritos nas bibliotecas europeias<sup>7</sup>, para que nós nos déssemos conta da amplitude da circulação dos textos dito “clandestinos”. É verdade que Lanson já havia verificado a existência de um número enorme de títulos manuscritos nas bibliotecas francesas. Wade encontrara tantos outros não somente na França e diversas outras cópias de alguns títulos já conhecidos. Benítez, porém, nos apresenta um repertório muito mais vasto e diversificado, com a inclusão e exclusão de títulos e de cópias, partindo das bibliotecas distribuídas por toda a Europa. Com tal instrumento, ora é possível compreender a capilaridade do “movimento clandestino” dos manuscritos no século XVIII. Atualmente, a revista *La lettre clandestine* – cujo primeiro número remonta a 1992 – se ocupa de mantê-lo atualizado, informando as cópias descobertas pelo desenvolvimento das pesquisas hodiernas.

\*\*\*

As diversas alterações sofridas pelos repertórios de manuscritos com o passar dos anos colocam em evidência a necessidade da execução de um método sempre empírico de trabalho. Empírico porque os textos, apesar de semelhantes, não são quase nunca iguais. Com muita frequência, o leitor aproveitava para acrescentar as suas modificações, segundo suas ideias e segundo o uso que pretendia fazer do texto. Às vezes, tais modificações eram tão amplas e profundas que o texto se transformava completamente, de modo mesmo a receber um outro título. Isso é ainda mais visível para aqueles que se dedicam a observar a passagem do manuscrito ao impresso, mas não somente. O exemplo talvez mais famoso seria o das *“Difficultés sur la religion proposées au Père Malebranche”*, publicadas em 1767 pelas prensas de Marc-Michel Rey sob a direção de Jacques-André Naigeon e com o título de *“Le militaire philosophe”*. Não somente o seu título é completamente alterado, mas também toda a sua abordagem em relação à religião. Aquele que antes era um longo tratado de fundo

Deísta se transforma em um curto manifesto Ateu, instrumento da propaganda política da segunda metade do Setecentos.

\*\*\*

É nessa passagem do manuscrito ao impresso que se faz sentir o papel especial da *coletânea* na construção de um movimento *filosófico clandestino*. A organização para a publicação dos manuscritos filosóficos clandestinos pode ser observada sobretudo nos esforços de Voltaire, Naigeon e d’Holbach<sup>8</sup> – ou seja, por volta dos anos 1760-1770 –, momento em que um dos modelos editoriais mais usados foi a *coletânea*<sup>9</sup>. A constituição de coletâneas era muito usual no século XVIII<sup>10</sup> – até mesmo como técnica de documentação pessoal – e não era de modo algum um expediente exclusivo do nosso *corpus* clandestino, embora se fizesse importante para a constituição deste último. Wade, ao falar sobre os títulos que recensara no seu repertório inicial, apresenta-nos o esquema de análise da presença de tais textos nas diversas bibliotecas e então chega à seguinte compreensão: “cinquenta e nove [entre os cento e dois títulos que apresenta] aparecem somente uma vez. Destes cinquenta e nove, cinquenta e dois estão em *Coletâneas*, às vezes com obras que circularam profusamente no século” (WADE, p. 18-19). Dessa forma, pode-se perceber a consideração da *coletânea* como um elemento a mais para determinar a difusão de um manuscrito.

Lanson acreditava que a mudança nos números do *comércio livreiro* na segunda metade do século XVIII era devida a uma mudança de estratégia, mais do que ao surgimento de novas ideias. É verdade, porém, que nos demos conta de que não devemos analisar as discussões colocadas pelos *manuscritos filosóficos clandestinos* esperando sempre encontrar elementos do movimento propagandista posterior. Daí resulta que o confronto entre as redes manuscritas e as redes impressas de difusão deve ser feito com cautela, mas permanece a ideia de compreender as estratégias de organização deste movimento. A constituição de uma *coletânea* faz emergir alguns elementos que apresentam sempre a necessidade de uma análise específica. A escolha dos textos recolhidos, o modo de colocá-los em conjunto, as pessoas implicadas na sua elaboração... A partir de tais análises, poderemos compreender a organização das ideias nos contextos manuscritos e impressos, bem como a

passagem de um ao outro desses contextos. Tal passagem deve considerar todas as mudanças encontradas nos textos, todas as suas nuances, mas de modo que possa propor uma leitura que vá além das discussões tão somente filológicas. A *transformação* do texto deve ser compreendida a partir da discussão que ela inaugura. Seguindo tal tipo de análise, a *coletânea* se apresenta como um fenômeno complexo e privilegiado de estudo. A seleção dos textos de uma coletânea manuscrita, seja pelos títulos seja pelos testemunhos escolhidos, é por si mesma eloquente. E por isso, será mais importante compreender qual é a discussão desenvolvida no testemunho recolhido e como ela se insere no conjunto resultante.

\*\*\*

Se nos referimos às coletâneas presentes no nosso *corpus* manuscrito, dois exemplos chamam a nossa atenção: o manuscrito BNF fr. 14.696 e o manuscrito Tours 971. O primeiro nos apresenta informações bastante precisas na sua primeira página, indicando não somente um *ex-libris*, como também o nome do copista e o ano de sua produção: “Serenissimo Principi Julio Frederico de Latour D’Auvergne, anno MDCCXVIII, écrit par Tallendier de la Bussière”. O segundo, por sua vez, é menos preciso e nos reporta tão somente um *ex-libris*: “Majorie Monasterii”. Em todo caso, ambos apresentam o mesmo título: “*Recueil de pièces diverses sur l’opinion des Anciens philosophes*” e recolhem exatamente os mesmos títulos:

<b>MS. TOURS 971 et MS. BNF fr. 14696<sup>1</sup></b>	
I. « Recueil de pièces diverses sur les opinions des anciens philosophes »	
1°. Sur le monde [6]	
	Opinion des anciens sur le monde
	Sur l'origine du monde
	Sur la fin du monde
	Sur la terre
	Sur les révolutions de la terre
	Sur les habitants de la terre
2°. Sur l'âme	
	Sur l'immortalité de l'âme [4]
	Sur la nature de l'âme [32]
II. Lettre à M. *** sur les Juifs [4]	
III. Dissertation sur les martyrs [2]	
IV. De l'âme [2]	

Tais títulos são a analisar. Observando a quantidade de suas cópias individuais, compreendemos que todos, exceto “*Sur la nature de l'âme*”, contaram com uma difusão pouco impressionante. Os dois últimos, “*Dissertation sur les martyrs*” e “*De l'âme*”, em particular, foram encontrados até o momento somente nessas duas coletâneas. Malgrado a sua pequena difusão, o grupo de textos recolhidos aqui deveria ter um efeito bastante corrosivo quando lido em conjunto. A sua verdadeira difusão é dada após a publicação das “*Dissertations mêlées*” proposta por Jean-Frédéric Bernard em 1740 em Amsterdam.

Os textos recolhidos no primeiro tomo das *Dissertations mêlées* são quase os mesmos encontrados nos manuscritos que acabamos de citar. Ao colocarmos lado a lado os títulos recolhidos nos três casos, isso fica imediatamente evidente:

<b>MS. TOURS 971 et MS. BNF fr. 14696</b>	<b>DISSERTATIONS MÊLÉES SUR DIVERS SUJETS IMPORTANTS ET CURIEUX</b>
<p>I. « Recueil de pièces diverses sur les opinions des anciens philosophes »</p> <p>1°. Sur le monde</p> <p style="padding-left: 2em;">* Opinion des anciens sur le monde</p> <p style="padding-left: 2em;">* Sur l'origine du monde</p> <p style="padding-left: 2em;">* Sur la fin du monde</p> <p style="padding-left: 2em;">* Sur la terre</p> <p style="padding-left: 2em;">* Sur les révolutions de la terre</p> <p style="padding-left: 2em;">* Sur les habitants de la terre</p> <p>2°. Sur l'âme</p> <p style="padding-left: 2em;">Sur l'immortalité de l'âme</p> <p style="padding-left: 2em;">Sur la nature de l'âme</p> <p>II. Lettre à M. *** sur les Juifs</p> <p>III. Dissertation sur les martyrs</p> <p>IV. De l'âme</p>	<p>Tome I</p> <p>I. Dissertation sur l'origine du Monde &amp;c.</p> <p>II. Lettre du R. P..... sur quelques Auteurs qui ont travaillé à prouver la vérité de la Religion Chrétienne.</p> <p>III. Lettre où l'on prouve que le mépris dans lequel les Juifs Sont tombés depuis plusieurs siècles est antérieur à la malédiction de J. C. &amp;c.</p> <p>IV. Dissertation sur le Martyre.</p> <p>V. Dissertation sur l'Immortalité de l'Âme.</p>

O primeiro texto das *Dissertations*, que seria a “*Dissertation sur l’origine du Monde*”, congloba o texto *Sur le monde*, das coletâneas manuscritas. O terceiro texto das *Dissertations* é um testemunho da “*Lettre à M. sur les juifs*”. O quarto não tem o seu título muito modificado em relação às coletâneas manuscritas, “*Dissertation sur le martyre*”, e nem o quinto, “*Dissertation sur l’immortalité de l’Âme*”. Os demais textos das coletâneas manuscritas não são levados em consideração pelas *Dissertations mêlées*. Fazendo uma comparação entre as cópias simples dos títulos encontrados nas bibliotecas europeias e a quantidade de exemplares das *Dissertations mêlées*, compreende-se a sua importância para a difusão dos textos recolhidos: são ao menos 38 exemplares distribuídos por toda a França, mas também na Inglaterra, Holanda, Alemanha, Irlanda, etc.

\*\*\*

O único texto que encontramos nas *Dissertations mêlées* mas que não comparece nas coletâneas manuscritas nem no corpus clandestino é o segundo, “*Lettre au R. P. ... sur quelques auteurs qui ont travaillé à prouver la vérité de la Religion Chrétienne*”. Não encontrei até o momento nenhuma referência a tal texto nos catálogos de bibliotecas europeias ou bibliografias especializadas, seja entre os manuscritos seja entre os impressos. Creio, porém, que ele seria o texto mais importante para entender o primeiro tomo das *Dissertations mêlées* – e parte do segundo.

Trata-se de um texto muito diferente daqueles do *corpus* clandestinos. Porém, quando lido em conjunto com os demais, faz-lhes um enorme favor. Não obstante seja um texto claro de apologética cristã, os seus argumentos abrem a possibilidade da crítica *clandestina*. Isso se mostra evidente logo após a justificativa que apresenta para a existência das religiões diferentes do cristianismo: estas diferenças seriam devidas somente ao produto das diversas visões humanas: “[...] é melhor ser simplesmente Deísta [...]; mas é preciso ser Cristão, não porque se nasceu tal; mas porque temos razões para acreditar que seja a única Religião verdadeira” (*Dissertations mêlées*, p. 152). Continua a discussão da seguinte forma: visto que a Religião não admite provas exatas, como a Geometria, então restam somente três tipos de prova a serem adotados: 1) as provas Históricas, 2) as Metafísicas e enfim 3) as provas morais. Crê então que no caso a religião cristã seja a única fundada sobre tais tipos de provas, seria então a única religião razoável. Tal postulado comporá o maior erro de todo o texto. Ele dará ensejo a diferentes tipos de crítica, mas sobretudo quando lido na coletânea na qual se encontra. Como forma de afirmar a validade dos gêneros de prova propostos, o autor explica alguns deles com mais detalhes. Em relação às provas históricas, afirma que os fatos do Antigo Testamento são narrados por diversos historiadores pagãos e os dos Evangelhos o são por homens de uma santidade tal que são mortos para assegurar as suas verdades<sup>1</sup>. Passando sem maiores considerações pelas provas Metafísicas, o autor nos afirma sobre as provas Morais que a Bíblia é plena de provas e preceitos de moral, que parecem pensados a propósito, para permitir a conservação do indivíduo. Estes pontos que deveriam cumprir o papel de demonstrações dos fundamentos da religião cristã serão todos, um por um, refutados pelos outros

textos da coletânea. Assim, o único texto não clandestino do primeiro tomo das *Dissertations mêlées* desempenhará ao fim o papel de agregador da coletânea; lançará o fio condutor de uma chave de leitura dos outros textos, de modo a tornar possível o aprofundamento das suas críticas.

O primeiro texto da coletânea impressa, a “*Dissertation sur l’origine du Monde*”, é correntemente atribuído a Jean-Baptiste de Mirabaud. Tal texto desmonta toda a autoridade histórica dos textos bíblicos. Sob o pretexto de apresentar uma abordagem histórica sobre a formação do mundo e a origem dos homens, o texto passa em revista as ideias dos antigos. Para atingir os seus objetivos, utiliza diversas fontes. Não faz distinção entre as informações encontradas nas obras dos historiadores cristãos e as dos historiadores pagãos. Assim pretende recolher todas as ideias que se formaram sobre o mundo, as ideias sobre sua origem e seu fim, sobre a compreensão geral da geografia do globo, sobre as revoluções que criaram o mundo e finalmente, as ideias sobre a origem dos homens e dos outros animais. Como usa fontes pagãs e cristãs, sem distinções, crê que a sua discussão tenha apresentado razões universalmente difusas na Antiguidade. A presença deste texto no início da coletânea, colocado imediatamente antes da “*Lettre au R. P. ... sur quelques auteurs [...]*”, mina todas as suas afirmações. Não obstante ela afirme a necessidade da utilização de provas históricas para fundar a exatidão da Religião cristã, a sua discussão não demonstra nem a metade da profundidade e erudição de Mirabaud na “*Dissertation sur l’origine du monde*”. Assim, não consegue fazer-se respeitar nos seus próprios termos.

A tese forte encontrada entre as discussões da “*Dissertation sur l’origine du Monde*” é aquela que afirma uma relação de descendência em linha reta entre os hebreus e os egípcios. Será o argumento mais utilizado no terceiro texto das *Dissertations mêlées*, intitulado “*Lettre sur les juifs*” – esse também atribuído a Mirabaud – para justificar o tratamento hostil recebido pelos hebreus frente a todos os outros povos da época. De igual modo, a erudição do autor nesse texto lança uma dúvida profunda sobre as certezas históricas das narrativas bíblicas. Sendo assim, as provas da correção da Religião cristã – segundo o modelo proposto pela “*Lettre au R. P. [...]*” – perdem todas as suas forças.

Por sua vez, a “*Dissertation sur le Martyre*” lançará a dúvida sobre a santidade dos mártires da religião cristã e, assim, sobre a

validade dos fatos históricos encontrados nos evangelhos. Vê-se então que a coletânea, na construção do seu conjunto de textos, consegue organizar uma crítica completa de todos os pressupostos de uma defesa histórica da religião. Qualquer que seja a direção assumida pela prova histórica, a coletânea de textos – através da reunião dos textos apropriados – a enfraquece.

Sobre as *provas Metafísicas*, por sua vez, o texto da “*Lettre au R. P. [...]*” não nos apresenta exemplos claros. Podemos compreender, porém, que é comum encontrarmos discussões nos demais textos das *Dissertations mêlées* que falam sobre a metafísica em algum modo. Em tais momentos, a “metafísica” considerada será sempre a de Platão. Quando se refere aos textos antigos usados como provas em favor da religião cristã, será geralmente a Platão que se fará referência. Por tal razão, podemos compreender bem a escolha de inserir a “*Dissertation sur l’immortalité de l’âme*” nas *Dissertations mêlées*, e não o tratado “*De l’âme*”. Após considerar a imortalidade da alma como algo detrcd nx suma importância para a explicação do nascimento dos Mártires de uma religião qualquer – tese defendida na “*Dissertation sur le Martyre*” –, a coletânea nos apresenta um texto como a “*Dissertation sur l’immortalité de l’âme*”. Este último fundamenta toda a sua discussão sobre a tentativa de demonstrar os pressupostos falazes da teoria da imortalidade lida no Fédon de Platão.

\*\*\*

De tudo quanto ficou dito, espera-se ter demonstrado a importância de um estudo específico sobre a Coletânea de textos *clandestinos* como objeto autônomo de discussão.

## Notas

1 Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750, *Revue d’Histoire littéraire de la France*, XIX, 1912, p. 1-29, 293-317.

2 *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*. Princeton, 1938 (nova impressão, 1967).

3 Resenha do livro de Ira O. Wade, in *The Romanic Review*, XXX (1939): 205-09.

4 Todos esses problemas já foram amplamente discutidos em diversas ocasiões. Estes três problemas foram especificamente discutidos nos artigos sobre atribuição, identificação, datação dos tratados clandestinos em Olivier Bloch (dir.). *Le matérialisme du XVIII<sup>e</sup> siècle et la littérature clandestine*, Paris : J. Vrin, 1982 e em Miguel Benítez. *La face cachée des Lumières*. Paris, Oxford : Universitas, Voltaire Foundation, 1996 (edição espanhola: *La cara oculta de las luces*. Valencia: Biblioteca Valenciana,

2003), e também nos estudos sobre *L'identification du texte clandestin aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles* de *La Lettre clandestine* n. 7, de 1998.

5 « [...] Dans les eaux troubles de la clandestinité parisienne que nous avons fréquentées pendant les lustres pour notre *Répertoire de nouvelles à la main* nous n'avons pas trouvé trace d'une enquête policière concernant les manuscrits philosophiques, alors que la moindre chanson satirique, la plus modeste brochure contre les ministres, voire les « sarcelades » entre appelants et ultramontains mettaient en branle la machine politique. Les ateliers de copistes travaillant à la diffusion des « nouvelles à la main » ne dédaignaient pas de compléter leur revenu par la reproduction de satires d'actualité et d'ouvrages imprimés interdits dont la copie manuscrite était fournie à moindre frais. Parmi ces textes, saisis par la police, nous n'avons jamais rencontré de *manuscrit philosophique clandestin* au sens où l'entend la recherche d'aujourd'hui » (MOUREAU, 2006, p. 38-9).

6 Publicado pela primeira vez por Jean-Louis Lebrave et Almuth Gresillon em *Écrire aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles : Genèse de textes littéraires et philosophiques*. Paris, CNRS Éditions, 2000, e retomado em edição eletrônica in *Les Dossiers du Grihl* [on line], Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Secret et mensonge. Essais et comptes rendus, mis en ligne le 01 juillet 2009.

7 Ele publicou três delas: « Liste et localisation des traités clandestins », em *O. Bloch* (dir.), *Le Matérialisme du XVIII<sup>e</sup> siècle et la littérature clandestine*, Paris, 1982, p. 17-25; « Matériaux pour un inventaire des manuscrits philosophiques clandestins des XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles », *Rivista di storia della filosofia* 43, 1988, p. 501-531; *La Face cachée des Lumières*, Paris, Universitas ; Oxford, Voltaire Foundation, 1996 (trad. espanhola: *La Cara oculta de las Luces*, Valencia, Biblioteca valenciana, colección ideas, 2003).

8 Esta era uma das observações de Wade: “Among the important writers responsible for editing and re-editing these collections of treatises later than 1750 may be mentioned Nageon, Voltaire, Dulaurens, and Holbach” (WADE, 1967, p. 22).

9 Alguns exemplos bastante conhecidos de coletâneas dessa época eram o “*Évangile de la Raison*”, em 1764 e 1765 ; o “*Recueil nécessaire*”, em 1765 ; o “*Évangile de la Raison avec le Recueil nécessaire*”, em 1776 ; “*Les lois de Minos*”, em 1771 ; o “*Recueil philosophique*”, em 1770; a “*Encyclopédie Méthodique*”, em 1794; o “*Évangile du jour*”, publicado em dezoito tomos entre 1769 e 1780.

10 O que podemos bem observar segundo os estudos de Danielle Muzzarelle, « Le recueil Conrart à la Bibliothèque de l’Arsenal », *Les usages du manuscrit*, XVII<sup>e</sup> siècle, juillet-septembre 1996, p. 477-487 ; Antony McKenna, « Réflexions sur un recueil de manuscrits philosophiques clandestins », in François Moureau (éd.), *De bonne main : la communication manuscrite au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, Oxford : Universitas, Voltaire Foundation, 1993, p. 51-57 ; e também de Miguel Benítez, « Le corpus des traités manuscrits philosophiques clandestins : un regard critique », in Antony McKenna e Alain Mothu (éd.). *La philosophie clandestine à l’Âge classique*. Paris, Oxford : Universitas, Voltaire Foundation, 1997, p. 17-38.

11 Os números entre os colchetes indicam a quantidade total de cópias manuscritas conservadas nas bibliotecas segundo o repertório mais recente de Miguel Benítez, publicado no seu livro *La cara oculta de las luces*. Valencia, Biblioteca Valenciana, 2003.

12 Uma clara alusão aos mártires da Igreja.

## Referências

BLOCH, Olivier (dir.). *Le matérialisme du XVIII<sup>e</sup> siècle et la littérature clandestine*. Paris: J. Vrin, 1982.

BENITEZ, Miguel. *La face cachée des Lumières: Recherches sur les manuscrits philosophiques clandestins de l'âge classique*. Paris: Universitatis; Oxford: Voltaire Foundation, 1996. Existe uma edição espanhola: *La cara oculta de las luces*. Valencia: Biblioteca Valenciana, 2003.

BENITEZ, Miguel. Le corpus des traités manuscrits philosophiques clandestins: un regard critique. In: MCKENNA, Antony; MOTHU, Alain (éd.). *La philosophie clandestine à l'Âge classique*. Paris: Universitatis; Oxford: Voltaire Foundation, 1997, p. 17-38.

\_\_\_\_\_. Liste et localisation des traités clandestins. In: BLOCH, Olivier. (ed.) *Le Matérialisme du XVIII<sup>e</sup> siècle et la littérature clandestine*. Paris: J. Vrin, 1982, p. 17-25.

\_\_\_\_\_. Matériaux pour un inventaire des manuscrits philosophiques clandestins des XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles. *Rivista di storia della filosofia*. n. 43, 1988, p. 501-531

LA LETTRE CLANDESTINE. *L'identification du texte clandestin aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles*. n. 7, Paris: PUPS, 1998.

LANSON, Gustave. Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750, *Revue d'Histoire littéraire de la France*, n. XIX, 1912, p. 1-29, 293-317. Existe uma tradução brasileira : Questões diversas sobre a história do espírito filosófico na França antes de 1750. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*. v.4, n.3, 2013. p. 382-441. Disponível em: <<http://doi.org/brjx>>. Acesso em: 13 set. 2016.

MCKENNA, Antony. Réflexions sur un recueil de manuscrits philosophiques clandestins. In: MOUREAU, François (ed.). *De bonne main: la communication manuscrite au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Universitatis; Oxford: Voltaire Foundation, 1993, p. 51-57.

MOTHU, Alain. Le manuscrit philosophique clandestin existe-t-il ? In: LEBRAVE, Jean-Louis; GRESILLON, Almuth. *Écrire aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles: Genèse de textes littéraires et philosophiques*. Paris: CNRS Éditions, 2000, p. 59-74.

MOUREAU, François. *La plume et le plomb: espace de l'imprimé et du manuscrit au siècle des Lumières*. Paris: PUPS, 2006.

MUZZARELLE, Danielle. Le recueil Conrart à la Bibliothèque de l' Arsenal. *XVII<sup>e</sup> siècle: Les usages du manuscrit*, juil./sept. 1996, p. 477-487.

TORREY, Norman. Review: WADE, Ira Owen. The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750. Princeton: Princeton University, 1938. *The Romanic Review*, n. XXX, 1939, p. 205-209.

WADE, Ira Owen. *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France from 1700 to 1750*. Princeton: Princeton University, 1938. Nova impressão: New York: Octagon Books, 1967.